



Ética na escola: como discutir dilemas morais com os alunos

Etapa 2:

Ética também é trabalho da escola

Agora que você já viu o vídeo, leia o texto a seguir de minha autoria. Em seguida, para complementar seu estudo, indicamos a entrevista publicada por Nova Escola com Yves de La Taille, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e especialista em Psicologia Moral, a ciência que investiga os processos mentais que levam alguém a obedecer ou não a regras e valores.

Como trabalhar a ética na escola?

Estamos aqui para falar sobre ética. Não é um assunto novo e nem esquecido. Mesmo assim, algumas pessoas acham que a escola não é responsável por esse trabalho. Se pensarmos que precisamos ter moral e ética porque vivemos em sociedade e, como ser social, não podemos pensar apenas no que é bom para nós, mas considerar o bem comum, vemos que este é um assunto que se refere ao coletivo. Obviamente a família é responsável por trabalhar valores, mas a escola, como o espaço coletivo que crianças e jovens frequentam para se formarem como pessoas, também é responsável por fazer esses alunos refletirem sobre essa convivência.

Outras vezes os adultos acham que a melhor forma de formar uma pessoa mais ética é por meio de sermões ou receitas prontas sobre o que fazer. Estudos da psicologia demonstram que o desenvolvimento moral, como outros conhecimentos, se constrói e, portanto, é preciso criar oportunidade de reflexão, oportunidade de fazer escolhas e de decidir considerando a própria perspectiva e também a do outro.

Formar alunos que sejam éticos e responsáveis é desejo de todo professor. Entretanto, nem sempre é claro que a escola deve ser parte atuante desse processo junto com a família. Do mesmo modo, há muitas dúvidas de que formas pode-se contribuir para essa formação moral das crianças e adolescentes. A discussão de dilemas morais é apenas uma das estratégias que contribuem



Competências socioemocionais

Ética na escola: como discutir dilemas morais com os alunos

para a formação da personalidade ética, pois desenvolve somente algumas das várias habilidades morais que precisamos desenvolver, como o desenvolvimento do juízo moral, a capacidade de ouvir, de olhar outras perspectivas diferentes das nossas e de se colocar no lugar do outro.

Os estudos do biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) sobre a moral influenciaram muito os estudiosos contemporâneos sobre o tema, especialmente na área da psicologia. O autor identificou que ao nascer desconhecemos as regras, o que caracterizaria um primeiro momento da vida, que é chamado de anomia. Aos poucos a criança percebe que as regras existem, mas se revelam pelo respeito incondicional a algo externo ao sujeito — figuras de autoridade, grupo ou sociedade. Nesse momento podemos dizer que o sujeito se encontra na fase da heteronomia. Com o desenvolvimento moral, essa pessoa pode alcançar a fase da autonomia, na qual considera tanto a reciprocidade nas relações quanto a necessidade de as normas morais e os princípios precisarem passar pelo crivo da inteligência para serem legitimados. O autor destaca como importantes para a autonomia o pensamento reversível e a conservação de valores (não se pautando apenas em investimentos afetivos passageiros).

O psicólogo norte-americano Lawrence Kohlberg (1927-1987) ampliou os estudos de Piaget subdividindo as fases da heteronomia e autonomia em seis estágios de desenvolvimento. Ele destacou o papel da razão, do juízo, isto é, o julgamento moral. Desenvolvimento moral, para Kohlberg, se traduz por seguir um ideal de justiça.

Embora saibamos que o desenvolvimento da razão isolado não é suficiente para formar uma pessoa ética, também não podemos descartar a sua importância como uma das contribuições. Assim como não podemos descartar a importância da justiça no espectro da moralidade.



Competências socioemocionais

Ética na escola: como discutir dilemas morais com os alunos

Uma situação de injustiça causa indignação a quem vê a integridade de outrem sendo ameaçada. É por meio da empatia e da compaixão que se aprofunda na compreensão do que acontece com os demais. Segundo Ulisses Ferreira de Araújo e Josep Maria Puig, no livro “Educação e Valores”, “colocar-se no lugar do outro é uma das condições imprescindíveis para tratar os outros como pessoas”.

Não será possível aqui destacar todos os sentimentos e valores que estão envolvidos no desenvolvimento moral das pessoas. São diversos aspectos que não atuam isoladamente. Em decorrência disso, não será apenas um tipo de atividade que auxilia na formação ética dos alunos. Veremos apenas uma delas — a discussão de dilemas morais —, cientes de que outras ações serão necessárias para de fato auxiliarmos nossos alunos a se desenvolverem moralmente.

Cabe ainda pensar sobre como trabalhar com a ética na escola. Alguns estudiosos, como Yves de La Taille, cujo texto está indicado como sugestão de leitura desta etapa, acreditam que deva ser trabalhada de forma transversal. Outros pensam que precise haver momentos específicos para a reflexão ética. Defendo aqui que ambos são necessários. Não é possível validar um trabalho específico se a ética não aparecer de forma transversal. Um trabalho sobre ética restrito a uma disciplina fará com que ela não seja percebida pelos seus vários aspectos e não dará a dimensão de sua importância. Corre ainda o risco de perder o sentido. Por outro lado, como qualquer conteúdo, é preciso garantir espaço para a reflexão sobre ele, neste caso, a discussão dos temas morais. É por meio da reflexão que conseguiremos que haja realmente uma construção de valores.

Outro ponto a ser destacado é que os educadores devem atuar de duas formas. A primeira a partir de demandas, como é o caso de algum conflito interpessoal, em que a intervenção será na hora



Competências socioemocionais

Ética na escola: como discutir dilemas morais com os alunos

e somente com os envolvidos. Essa primeira forma costuma ocorrer diariamente na escola, embora muitas vezes por meio de estratégias que não levam o aluno a pensar no que fez e se responsabilizar por seu ato, como coibir o problema ou resolver rapidamente sem propiciar que o aluno reflita sobre o que fez e busque uma solução por si mesmo. A segunda forma de trabalho que complementa a primeira, infelizmente não tão frequente na escola, é garantir espaço para algumas ações e reflexões como as assembleias escolares e os programas antibullying.

Alguns professores alegam não ter tempo para isso, mas já usam o tempo resolvendo de forma que não contribua para a reflexão e o desenvolvimento: passando sermões e coibindo as atitudes indesejáveis.

A discussão de dilemas, que iremos ver neste curso, é uma das ações planejadas que nos auxilia a propiciar reflexões sobre temas éticos, criando situações em que o aluno precisa olhar para outros pontos de vista, perceber outras realidades e se posicionar diante delas.

Kohlberg usou os dilemas morais com duas funções: identificar como as pessoas pensavam a moral e em discussões para o desenvolvimento do juízo moral. O seu dilema mais famoso é o dilema de Heinz. Leia-o a seguir:

“Na Europa, uma mulher estava à beira morte devido a um tipo especial de câncer. Havia um remédio que os médicos achavam que poderia salvá-la. Era uma forma de radium que um farmacêutico na mesma cidade tinha descoberto recentemente. O remédio era dispendioso e o farmacêutico pagava \$400 pelo radium e cobrava \$4000 por uma pequena dose do remédio. O marido da mulher doente, Heinz, procurou as pessoas que conhecia para pedir dinheiro emprestado e tentou todos os meios legais, mas só conseguiu juntar



Competências socioemocionais

Ética na escola: como discutir dilemas morais com os alunos

aproximadamente \$2000, o que era metade do preço do remédio. Ele contou ao farmacêutico que sua esposa estava morrendo e pediu-lhe para vender o remédio mais barato, ou deixá-lo pagar depois. Mas o farmacêutico disse: 'Não, eu descobri o remédio e vou ganhar dinheiro com isso'. Então, havendo tentado todos os meios legais, Heinz desespera-se e pensa em assaltar a farmácia do homem para furtar o remédio para sua esposa."

Após a apresentação do dilema, quando se quer descobrir como a pessoa pensa, propomos questões, como: Heinz deveria furtar ou não o remédio? Por qual motivo? As perguntas são repetidas com outros enfoques: É certo ele furtar o remédio? Se não amasse sua esposa, deveria furtar o remédio para ela? Se não fosse a mulher de Heinz que estivesse morrendo de câncer, ele também deveria furtar o remédio para um estranho? E se fosse um animal?

A importância da resposta dada ao dilema não é importante em si, ou seja, não é se a pessoa acha que deve ou não roubar o remédio que faz diferença. O que vale é o motivo pelo qual ela escolheu roubar. Uma das primeiras fases do desenvolvimento mostra uma estrutura que pensa que o certo é o que é melhor para a própria pessoa, baseando-se nos desejos pessoais. Houve uma criança que respondeu que Heinz deveria salvar a vida da esposa roubando o remédio, caso contrário ele não teria quem cozinhasse para ele. Isso mostra um raciocínio muito pouco desenvolvido, pois só se preocupa com as necessidades pessoais.

Na escola, porém, não estamos preocupados em identificar o nível de desenvolvimento moral. Estamos preocupados em usar os dilemas para a hierarquização de valores que possibilita o desenvolvimento do juízo moral, como Kohlberg também apresentou. Por meio da discussão entre pares, os alunos podem organizar o que pensam sobre o assunto, refletir sobre os valores postos no dilema, olhar outras perspectivas, analisar o que é



Competências socioemocionais

Ética na escola: como discutir dilemas morais com os alunos

bom para o bem comum e tomar uma decisão que sempre resulta da hierarquização de valores. Como fala Yves de La Taille, precisamos desenvolver os princípios, pois as regras não dão conta de nos formar eticamente.

Agora, leia a entrevista [“Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras”](#), de Yves de La Taille.

E antes de finalizarmos esta etapa, com o teste abaixo, proponho um exercício. Descreva uma das atividades que fez com seus alunos em que trabalhou valores morais. Em seguida, reflita se essa é uma atividade planejada ou surgiu por demanda. (Caso você não seja professor em exercício, pense em uma situação hipotética). Lembre-se que cada faixa etária terá as suas especificidades.